

CPI-Orçamento Baile de Máscaras

A CPI do Orçamento se aproxima do encerramento dos trabalhos, deixando atrás de si um espetáculo impressionante de mentiras, transmitido ao vivo e a cores pela TV. O fio da suspeita que levou parlamentares e governadores ao banco dos depoentes se transformou em certeza pela dissimulação estampada nos rostos e nos lapsos de políticos que, ao invés de representarem o povo, passaram a representar para o povo.

O que se viu foi um festival de canastronice explícita. O deputado João Alves provou apenas que é um péssimo ator ao jurar que contou com a ajuda de Deus para ganhar milhões na loteria. A mudez repentina do deputado Genebaldo Corrêa diante do acúmulo de evidências dos seus desmandos foi mais eloquente do que todas as palavras por ele pronunciadas sob a luz dos refletores.

E o que dizer de governadores que quanto mais se esforçam em explicar a disparidade entre as quan-

tias dispendidas e as receitas comprovadamente geridas, mais aumentam o fosso que os separa do efeito de verossimilhança exigido de todo ator para convencer a platéia. Não houve arrependimento, não houve confissão. Todos posaram de vítimas; todos se apresentaram como coitadinhos, até mesmo ao tentarem justificar as fortunas que levantaram as suspeitas dos investigadores.

Diante deste triste teatro de sombras, a CPI promete ser o ato final de um baile de máscaras, aquele em que os atores — inclusive os canastrões — revelam suas verdadeiras faces. Será o enterro de toda uma geração de políticos que se fiou em dotes cênicos para ludibriar a opinião pública e se viu naufragar, com uma *performance* sofrível, diante das câmeras de TV. O ato final de punição aos maus atores promete ser a hora da verdade para a política brasileira. A manifestação da platéia tem data marcada: vira nas urnas de 3 de outubro.

17 JAN 1994